



## GÊNERO E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA: COZINHEIRAS E PATROAS EM EÇA DE QUEIRÓS

José Roberto de Andrade

*Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA). E-mail: andrade.escolas@gmail.com*

**RESUMO:** O escritor português Eça de Queirós (1845-1900) não foi um cozinheiro de fato, mas deixou sua marca na cozinha portuguesa. Em sua obra, jantares, almoços e cafés servem à representação crítica de vários aspectos (hábitos, sexualidade, moral) da sociedade portuguesa do século XIX. Neste artigo, analisaremos, no romance *O Primo Basílio*, a construção das personagens femininas Juliana e Luísa, relacionando-as à comida e à cozinha, aos modelos de constituição do gênero feminino e às possibilidades e aos limites históricos de ação da mulher na sociedade lisboeta do século XIX. Procuraremos evidenciar que — na medida em que as personagens afirmam ou negam padrões de representação e ação do feminino — as posições de poder se alternam, que a gastronomia é uma relevante chave interpretativa da obra de Eça de Queirós, e que as cozinheiras têm importante papel na construção da narrativa e na crítica ácida dos modelos de família patriarcal do século XIX.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós, Literatura Portuguesa, Gênero, Gastronomia, Família Burguesa.

### INTRODUÇÃO

Eça de Queirós não foi um grande cozinheiro, mas deixou sua marca na culinária portuguesa. A comida e o comer são tão importantes na obra desse escritor que inspiraram livro de receita — *Comer e beber com Eça de Queirós* —, dicionário gastronômico cultural — *Era Tormes e amanhecia* — e despertaram a atenção de leitores ilustres como Machado de Assis (1878/1997)<sup>1</sup>, A. Campos Matos (1988 e 2012), Dario Moreira de Castro Alves (1992), Maria José de Queiroz (1994), Beatriz Berrini (1995). Matos, por exemplo, ao organizar o *Dicionário de Eça De Queirós*, reservou mais

de sete páginas para o verbete “Alusões Alimentares”. A responsável pela elaboração do texto, professora Andréa Grabbé Rocha, enfatiza a obsessão de Eça de Queirós pela culinária e afirma que, talvez, o escritor de *Os Maias* tenha “exorbitado nesta via, deixando-nos uma visão distorcida dos homens de seu tempo”. (MATOS, 1988: p. 63).

Tenho me dedicado a estudar de que maneira a culinária influenciou — ou distorceu — o projeto literário de Eça de Queirós. Investigação que se desenvolveu no doutorado, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e resultou na tese intitulada “Gastronomia, sexualidade e poder na obra de Eça de Queirós”, em que analiso a representação de hábitos gastronômicos e sexuais e as relações de poder, nas seguintes obras: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo*

<sup>1</sup> Quando separadas por barra, “/”, a primeira data é a da publicação original e a segunda, da publicação que utilizo como referência.



*Basílio, A Relíquia, O Mandarin e Os Maias.*

Na análise da representação gastronômica, centrei-me na análise de três aspectos: cardápio, comportamento e companhias à mesa, para entender como, no universo eciano, a gastronomia caracteriza personagens, encadeia enredos e serve ao exercício da crítica social.

A seleção desses três aspectos não é casual. Em artigos sobre o tema, o próprio Eça forneceu pistas de que *menu*, maneiras e companhias são caminhos para compreender como a gastronomia estrutura sua obra. No texto mais exemplar e programático que escreveu sobre o tema — “Cozinha Arqueológica”, publicado em 1893, na *Gazeta de Notícias* —, Eça afirmou: “a cozinha e adega exercem uma tão larga e direta influência sobre o homem e a sociedade”, por isso “dize-me o que comes, dir-te-ei o que és” (III, p.1226)<sup>2</sup>. Penso que o escritor d’*A Relíquia* não se incomodaria se adicionássemos “com quem” e “como”, a este último período: “diga-me o que comes [como comes e com quem comes] e dir-te-ei quem és”. O acréscimo é apropriado, pois Eça destaca a necessidade de se fazer a “arqueologia” — daí o título do artigo — do

<sup>2</sup> Os trechos da obra de Eça de Queirós foram quase todos retirados da edição, em quatro volumes, publicada pela editora Aguilar, sob a coordenação de Beatriz Berrini. Nas citações, referir-me-ei simplesmente aos volumes (I, II, III e IV) e às páginas. Informo quando o trecho for de outra edição.

sistema culinário greco-romano, ou seja, dizer o que, com quem e como a sociedade comia para entender as relações entre cozinha, processos de cozimento e relações sócio-políticas.

As declarações de Eça ressaltam a intrínseca relação entre comida e sociedade. Além disso, na perspectiva da proposta de representação realista da sociedade portuguesa, elas significam, em alguma medida, considerar a cozinha e a comida como forma de caracterizar personagens e sociedade. No caso de Eça de Queirós, essa interpretação torna-se mais consistente à medida que se lê a obra. O escritor português propôs a observação da cozinha nas sociedades clássicas e considerou a gastronomia como *arquê* — elemento básico — das representações da sociedade portuguesa.

## **METODOLOGIA**

À medida que leio e releio as obras, percebo cada vez mais nitidamente que — além de cardápio, maneiras e companhias — as cozinheiras e cozinheiros, embora personagens secundárias, têm importância impar em cenas específicas e constituem elemento decisivo para a coerência dos enredos. Neste artigo, procurarei organizar minhas reflexões sobre as cozinheiras d’*O*



*Primo Basílio*: Juliana e Joana<sup>3</sup>. Para tanto, adotarei duas diretrizes ou hipóteses de trabalho:

I) Carlos Reis afirma que determinadas interpretações podem levar a conclusões incorretas ou parciais se ignorarem “o contexto histórico em que foi concebido e escrito o romance, bem como sua organização interna” (REIS, 1999: p. 67)<sup>4</sup>. Essa afirmação, aplicada às leituras que já fiz da obra de Eça, permite-me inferir que cozinheiros — assim como comida, modos e companhias — compõem a cena social das narrativas, servem ao exercício da crítica e devem ser interpretados considerando o contexto histórico da obra e a sua organização interna;

II) a análise dos cozinheiros, embora não leve a conclusões muito diferentes de críticos mais atuantes e atuais, alarga as possibilidades de compreensão da obra eciana. Como a ampliação deve ser medida em relação a interpretações específicas, tomarei como referência quatro sínteses interpretativas d’*O Primo Basílio*: duas que se referem a Juliana e duas a Luísa. A senhora da casa, Luísa, vem para a análise para contrastar com as duas criadas. No caso d’*O Primo Basílio* esse

<sup>3</sup> Ao leitor d’*O Primo Basílio*, pode parecer inapropriado arrolar Juliana como cozinheira. A justificativa para essa caracterização está na sua importante participação na cozinha da casa de Luísa e Jorge, como se verá ao longo da análise.

<sup>4</sup> Reis estava se referindo às interpretações de “A Ilustre Casa de Ramires”, mas a assertiva pode, pela sua forma exemplar, ser aplicada a qualquer outra obra.

contraste é essencial, pois as características de Joana e Juliana — principalmente desta — definem-se na relação com a patroa. Para falar de Luísa, “chamarei” Carlos Reis e A. Campos Matos. O primeiro assevera que “Luísa cede ao donjuanismo de Basílio e compromete a estabilidade da família burguesa” e “o adultério de Luísa é a causa de sua destruição” (REIS, 2000: p. 47-51). Campos Matos afirma que “Luísa, saturada de literatura romântica, ser fraco e influenciável, deixa-se levar pelas falas experientes de um primo sedento de aventura e caminha entorpecida para uma tragédia que a leva à sepultura” (2012: p. 21)<sup>5</sup>. Para Juliana, serão o mesmo Reis e o pai de Eça de Queirós. Este, de acordo com A. Campos Matos, afirma, em carta ao filho, que o ódio de Juliana “sai fora das paixões comuns” num país “onde a brandura dos costumes faz dos criados uma espécie de membros da família” (MATOS, 1988: p. 594). Reis assevera que Juliana é “a personagem mais complexa e

<sup>5</sup> O próprio Eça, numa carta a Teófilo Braga, de 12/03/1878, afirma que “*O Primo Basílio* apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa – a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobrecitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim da casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, enfim a *burguesinha da Baixa*.” (Queirós, 1983, p. 133).



socialmente marcante do romance” (2000: p. 15)

## DISCUSSÃO

Para verificar a validade dessas hipóteses, assumirei uma postura diferente da que venho adotando em análises anteriores: em vez de falar de comida, compararei as duas cozinheiras do romance, depois procurarei analisar o contexto histórico e narrativo.

Juliana e Joana se assemelham em variados aspectos. Ambas:

- Vivem nas mesmas mesquinhas condições: num quarto do sótão, baixo, estreito, quente e “abafado como um forno”, onde se sente “um cheiro fétido” do “candeeiro de petróleo” e grassam percevejos: “Não podia parar com os percevejos! O raio do quarto tinha ninhos! Até sentia o estômago embrulhado. — Ai!, é um inferno! — disse com lástima Juliana.— Eu só adormeço com dia” (I: p. 498-499).
- Cultivam “vícios”. Juliana, as botinas, pelas quais “arruinava-se” e que mantém “embrulhadas em papéis de seda, na arca, fechadas — guardadas para os domingos!”. E Joana, um amante, o carpinteiro Pedro, que trabalha na marcenaria do Tio João Galho. Joana “babava-se por ele. [...] aquela figura delgada de lisboeta anêmico seduzia-a com uma violência abrasada” (I: p. 499).

- Rezam uma pela outra: Joana propõe que Juliana reze “três salve-rainhas pela saúde do meu rapaz, que tem estado adoentado, eu cá lhe rezava três pelas melhoras do peito”. Proposta aceita: “Olhe. Eu do peito vou melhor; dê-mas antes pra alívio das dores de cabeça. A Santa Engrácia!” (I: p. 499)

- Dirigem-se censuras: Juliana desaprova o fato de Joana deixar-se explorar pelo amante: “Vossemecê também, Sr<sup>a</sup> Joana, deixa-se cardar pelo homem!”. E Joana critica o zelo de Juliana com as aparências e as botas: “que o Diabo leve os arrebiques!” (I: p. 499).

- Fazem arranjos de conveniência: Joana, para manter o amante, é leal a Juliana. E Juliana aceita esconder o “escândalo” com o carpinteiro Pedro, porque necessita da cozinheira para os momentos de gulodice e para não “cair em fraqueza”:

como feia e solteirona, detestava aquele ‘escândalo do carpinteiro’; mas protegia-o, por que ele valia muitos regalos aos seus fracos de gulosa. [e] Joana dava-lhe caldinhos às horas da debilidade, ou, quando ela estava mais adoentada, fazia-lhe um bife às escondidas da senhora (I: p. 489).

No que diz respeito aos contrastes, constatamos que:

- São diferentes na idade e na abundância de carnes. Joana era mais jovem, “uma rapariga muito forte, com peitos de ama, o cabelo como azeviche, todo lustroso do óleo de amêndoas doces. Tinha a testa curta de plebeia teimosa. E as sobrancelhas cerradas faziam-lhe parecer o olhar mais negro”.



Juliana tinha o rosto “chupado e [...] as orelhas [...] despegadas do crânio; [...] clavículas descarnadas; [...] as canelas muito brancas, muito secas [...] e cotovelos agudos” (I: p. 498).

- Apesar de próximas na condição aviltante, Juliana faz questão se diferenciar hierarquicamente de Joana: vai ao quarto dela, “mas não entrou, ficou à porta; era ‘criada de dentro’, evitava familiaridades” (I: p. 498).
- Joana não nutre pelas botas de Juliana a mesma inveja que esta alimenta pelo amante daquela: “Mas invejava asperamente a cozinheira pela posse daquele amor, pelas suas delícias” (I: p. 499).
- Joana resigna-se e suporta melhor a situação. Juliana sente falta de ar, enjoa e compara: “Nunca, nunca, nas casas que servira, tinha tido um quarto pior. Nunca! [...] E acordada, às voltas, com aflições no coração, Juliana sentia a vida pesar-lhe, com uma amargura maior!” (I: p. 500). E, por não admitir que a tratem mal, Juliana vai fermentando sua frustração, sua amargura e seu rancor, transformando-os em ódio por sua condição social e pela patroa.

Essa lista de contrastes e semelhanças dá-nos uma ideia da complexidade de Juliana e Joana. Elas sabem-se mulheres, criadas, subalternas, mas adotam estratégias para romper as limitações impostas, pelo trabalho e pelos patrões, às criadas mulheres. Joana

apresenta-se mais conformada, num estado próximo do modelo que o pai de Eça de Queirós descreveu para as criadas. Juliana é gulosa, inveja as “delícias” amorosas de Joana e revolta-se contra sua condição social. Revolta que vai fermentar e transformar-se em ódio cego. Ódio que tentarei caracterizar e contextualizar.

A aspiração maior de Juliana sempre foi “ter um comércio que a libertasse das tiranias do serviço doméstico, das patroas e das crianças, que sofria há vinte anos” (MATOS, 1988: p. 54). A fantasia de que encontraria sua alforria num estabelecimento comercial não é inadequada e incoerente. *O Primo Basílio* foi publicado em 1880 e o espaço/tempo narrativo é a Lisboa da segunda metade do século XIX.<sup>6</sup> Segundo Serrão e Marques, nesse período, o setor comercial absorveu parte da mão de obra das cidades portuguesas e permitiu que burgueses ascendessem socialmente e muitos nobres conseguissem ou mantivessem seus títulos (SERRÃO e MARQUES, 2004: p.105-106). É preciso considerar que os dois historiadores estão se referindo, principalmente, aos atores sociais masculinos, mas os desejos de Juliana estão coerentemente ajustados ao tempo e ao espaço da narrativa. E — pela própria

---

<sup>6</sup> Se considerarmos que, na cena do jantar do Conselheiro Acácio, menciona-se, com certo “frescor”, a Comuna de Paris, poderíamos localizar a ação entre 1871, data da Comuna, e 1880.



frustração desse desejo, ainda mais em se tratando de mulher — seu exacerbado ódio, também.

O contexto histórico permite postular que existiram mais Julianas no Portugal do século XIX. Juliana, historicamente, compõe o contingente de trabalhadores, homens e mulheres, que vivem em condições muito precárias. No Portugal da Regeneração, de 1851 a 1900:

Contanto apenas com o esforço do seu trabalho, trabalhando por conta própria (raramente, quando na posse de propriedade) ou em regime de salariedade ou sobrevivendo da caridade alheia, as classes populares viviam sempre na fronteira da pobreza, na iminência da degradação da sua condição material. [...] O trabalho manual era mal remunerado e fisicamente extenuante, obrigando muitas vezes ao esforço de 12 a 16 horas diárias [...]. A ausência de qualquer vínculo contratual e de mecanismos de assistência social, em caso de doença, acidente, velhice, etc. permitiam degradação brusca das condições materiais de existência das classes populares. (SERRÃO e MARQUES, 2004: p.180)

Entre os grupos que se arrolam nas “classes populares” estão, por exemplo, domésticos, pescadores, operariado do comércio e da indústria, marginais, vadios, mendigos e prostitutas. (SERRÃO e MARQUES, 2004: p.175-176). O quadro<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Algumas dessas condições, como a necessidade de possuir propriedades para se sustentar, parecem ser comuns, para homens e mulheres, em cidades menores, como o próprio Eça “documentou” em outras narrativas. n’*O Crime do Padre Amaro*, S. Joaneira e Amélia, além de hospedar padres, servem refeições e mantêm uma propriedade onde cultivam verduras e legumes. N’*A Ilustre casa de Ramires*, o “fidalgo da torre”, é obrigado, ironicamente, a faltar com a palavra empenhada, para conseguir um valor melhor no arrendamento de sua propriedade.

que Serrão e Marques traçam permite imaginar que, na massa de trabalhadores e trabalhadoras domésticas, houvesse mais Julianas, amarguradas, descontentes, frustradas e cheias de ódio. O povo vivia em condições aviltantes e estava “arredado das esferas de decisão política e econômica”; a ele “restava uma posição de subalternidade social e cultural, ao mesmo tempo obrigado à produção de um trabalho ou produto em favor das classes dominantes” (SERRÃO e MARQUES, 2004 p. 175).

Embora fizesse questão de se diferenciar como “criada de dentro”, Juliana encontra-se na mesma condição de Joana e de outros trabalhadores do povo. Até o bife, que têm de comer “às escondidas da senhora”, enquadra Juliana e Joana na classe dos desprovidos de tudo. Serrão e Marques afirmam: “no que diz respeito à carne só a camada superior do povo a utilizaria de forma mais corrente” (SERRÃO e MARQUES, 2004: p.181). Num país de maioria pobre, a carne bovina estava nas mesas da burguesia e da nobreza, mas era iguaria rara nos pratos da plebe.

Se Juliana é uma personagem verossímil quando comparada às condições históricas, por que o pai de Eça se surpreendeu? Uma possível resposta para essa pergunta seria: talvez o modelo dado pelo pai de Eça fosse o mais comumente encontrado



nas casas de nobres e burgueses, principalmente em se tratando de criadas mulheres. E *O Primo Basílio* reforça essa suposição aritmética. Além de Joana, que se resigna, temos:

As duas criadas [de Sebastião] eram muito antigas na casa. A Vicência, a cozinheira, era uma preta de S. Tomé, já do tempo da mamã. A tia Joana, a governanta, servia-o havia trinta e cinco anos; chamava ainda a Sebastião o “menino”; já tinha as tontices de uma criança, e recebia sempre os respeitos de uma avó. Era do Porto, do Poarto, como ela dizia, porque nunca perdera o seu acento minhoto (I: p. 530).

Eça não “desmente” seu genitor, pois Vicência e Joana<sup>8</sup> (a de Sebastião) são “da família”. A essas duas, poderíamos ainda somar Joana (de Luísa e Jorge), as três da casa do Conselheiro Acácio e pelo menos uma, Justina, na casa de Leopoldina. Seriam, assim, sete que cultivam a “brandura de costumes” contra uma que se rebela, se enraivece e busca se vingar. Há motivos, portanto, para a surpresa do pai de Eça. Não há razão, porém, para desconsiderarmos o quadro histórico geral. A pulsão de rebeldia encontra-se na massa de trabalhadores e as condições descritas por Joel Serrão e A. H. de Oliveira

<sup>8</sup> Essas “Vicências” e “Joanas” que vivem em condições precárias, mas mantêm-se leais aos patrões, repetem-se nas narrativas. N’*O Crime do padre Amaro*, é Maria Vicência — “devota, alta e magra como um pinheiro, antiga cozinheira do doutor Godinho” e “irmã da famosa Dionísia” (I: p. 182) — que vai cozinhar e cuidar da morada de Amaro, depois que ele se vê obrigado a sair da casa da S. Joaneira. Nesse mesmo romance há também Gertrudes, que vive com o abade da Cortegaça, excelente cozinheiro. N’*A Relíquia*, Vicência é devota e leal criada de cabelos brancos que faz “par” com a “decrépita e gaga a cozinheira” (I: p. 867).

Marques não deixam dúvida: criados e criadas, mesmos os familiarmente domésticos, viviam, como Joana e Juliana, em condições humilhantes e teriam razão para se revoltar<sup>9</sup>.

Eça acrescenta à narrativa, portanto, uma personagem “prevista” nesse contexto histórico em que as relações entre patrões e subalternos e entre homens e mulheres estavam longe de ser somente pautadas na “brandura de costumes”. Os costumes brandos camuflavam condições ultrajantes, que Juliana não quer admitir. E sua frustração centra-se, primordialmente, no lugar que ela ocupa na estrutura social; lugar em que se confundem e se relacionam muitos atores e motivações, como gênero, doença, crianças, condições de classe, poder público e patroas. É verossímil, portanto, que Juliana procure atingir Luísa. A patroa também é mulher subalterna na relação com os homens.<sup>10</sup> E Luísa, coerentemente, se coloca como adversária e não esconde sua insatisfação com a criada, ameaça dispensá-la e até a maltrata.

<sup>9</sup> Eça de Queirós parece, também, observar criticamente a lentidão das mudanças em Portugal. Tanto n’*O Crime do Padre Amaro* (no final do romance), quanto n’*O Primo Basílio* (no jantar do Conselheiro Acácio), há cenas em que as personagens se referem à Comuna de Paris, de 1871. As ações da Comuna despertam medo e aversão nas personagens mais conservadoras, que imaginam ser a religião e a “brandura de costumes” freios para as possíveis revoltas.

<sup>10</sup> Jesus (1998) e Zolin (2010) tratam dessa subalternidade nos modelos de representação das relações entre mulheres e homens nas sociedades moderna e contemporânea.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Luísa, porém, além de alvo do rancor, é também esperança de libertação — se se deixar chantagear — e, depois, motivo de crueldade vingativa: “começando depois a chantagem com a patroa que, não conseguindo o dinheiro que ela lhe pede pelas cartas [de e para Basílio], vai aos poucos explorar e tyrannizar cruelmente” (MATOS, p. 594).

A ira de Juliana está ancorada no contexto histórico e é fruto, pois, de um longo processo de fermentação, que desencadeia a chantagem e, depois, a vingança. E ela não se deixa iludir. Intui que resignação e fidelidade canina não lhe dariam um fim digno: “Se a gente ia a ter escrúpulos por causa dos amos, boa! Olha quem! Vêem uma pessoa morrer, e é como fosse um cão” (I: p. 489-490). Durante anos, a filha de engomadeira economizou para abrir sua porta de comércio e se libertar do serviço doméstico, mas a doença levou todas as economias, e o tempo se encarregou de enraizar e adubar, na alma de Juliana, o despeito, a rebeldia e o ódio. Por isso ela não digere seu destino e o tratamento que lhe dispensam: “Nunca, nunca, nas casas que servira, tinha sido tratada daquela maneira! Nunca!” (I: p. 500). E de “tratamento” Juliana sabe, pois tem as experiências anteriores e o padrão de outras criadas com quem conversa e estabelece os “direitos de classe e de gênero”. Com Justina,

a criada de Leopoldina, por exemplo, Juliana mantém amizade — “beijocavam-se muito, diziam-se sempre finezas” (I: p. 555-556) — e troca informações sobre as respectivas patroas. E, pelo que diz Justina, Leopoldina e seus amantes são mais brandos e generosos no tratamento com Justina do que Basílio e Luísa são com Juliana: “Quando era o tempo do Gama [um dos amantes de Leopoldina], isso sim! Nunca ia que não me desse os seus dez tostões, às vezes, meia libra” (I: p. 556).

E a revolta de Juliana não ocorre sem que, no processo, ela proponha e aceite, como outras criadas, arranjos alternativos. Ela não é somente uma velha doente e rancorosa criada de dentro, que consome bifês às escondidas e leva o processo de chantagem ao limite da vingança inaceitável. Antes de chegar ao limiar da morte, há momentos de relativa “harmonia”. Um deles diz respeito à cozinha. Ao longo da narrativa, fica claro que Juliana quer ter respeitadas suas necessidades de comer, beber, dormir e vestir adequadamente. E durante alguns momentos, isso ocorre. Depois de iniciar a chantagem, Juliana, sabendo da dificuldade de receber o dinheiro, negocia outras exigências. Se o dinheiro não vem, que o quarto seja mais arejado e limpo, que as folgas sejam mais largas e a comida seja mais farta. Ela chega mesmo a controlar a cozinha; e a casa torna-se agradável e pródiga.

A casa, com efeito, tornava-se agradável. Juliana exigira que o jantar fosse mais largo

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





(para ter uma parte sua, sem sobejos), e, como era boa cozinheira, vigiava os fogões, provava, ensinava pratos à Joana. — Esta Joana é uma revelação — dizia Jorge —, vê-se-lhe crescer o talento!... (I: p.668)

Com a atuação da “cozinheira” Juliana<sup>11</sup> a casa muda e Jorge elogia. Até o temperamento de Juliana abrandar-se:

Juliana, bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pele, colchões macios, **saboreava** a vida: o seu temperamento **adoçara-se** naquelas **abundâncias**; depois, bem aconselhada pela tia Vitória, fazia o seu serviço com um zelo minucioso e hábil (I: p. 668; grifos nossos).

O termos “saborear”, “adoçar” e “abundância” são primorosos. Saborear a vida é o que Juliana quer. Na abundância, então, todo o amargor, todo o rancor, adoça-se e o serviço é feito habilmente. A casa de Jorge e Luísa torna-se tão abundantemente rica que

Jorge, atônito, recebia todos os dias cartas de pessoas oferecendo-se para criados de quarto, criadas de dentro, cozinheiros, escudeiros, governantas, cocheiros, guarda-portões, ajudantes de cozinha... Citavam as casas titulares de que tinham saído; pediam audiência; suspeitando certas coisas, uma bonita criada de quarto juntou a sua fotografia; um cozinheiro trouxe uma carta de empenho do diretor-geral do Ministério (I: p. 668)

A abundância e a riqueza são desejadas por outros criados e criadas, que se oferecem, sem pejo, para trabalhar na casa. A fartura e a fortuna não são, porém, suportadas por Luísa, que define: “E no meio daquela prosperidade

---

<sup>11</sup> José Quitério, ao tratar da autenticidade da culinária portuguesa diz que há um “ror de cozinheiras domésticas que, por este Portugal além, vão mantendo com desvelo e alto sentido patriótico a arte ancestral em mesas predominantemente aldeãs” (1987: p. 14). Ou seja, ele toma como pressuposto lógico que a culinária portuguesa é conhecida pelas cozinheiras domésticas. Não é inverossímil que Juliana fosse boa cozinheira, poia ela trabalhou a vida inteira na cozinha, também.

— Luísa definhava-se. Até onde iria a tirania de Juliana? — era agora o seu terror. E como a odiava!” (I: p. 668).

Com o adultério e a chantagem, em determinados momentos, as condições da casa melhoram para Jorge e para as criadas. Luísa, porém, não consegue “gozar” a nova e “abundante” situação. Diretamente proporcionais, ela e Juliana não podem habitar o mesmo espaço. Quanto mais esta adoça-se, mais Luísa amarga-se. Quanto mais Juliana se porta como “senhora”, mais Luísa atua como “criada”. Ou seja, os limites sociais não estão demarcados adequadamente. E a demarcação deveria ser também responsabilidade da senhora da casa.

Juliana condena o adultério, mas é “maleável” para “aceitar” que outros pratiquem o pecado, se ela puder tirar proveito. A criada de dentro deseja, portanto, que a patroa mantenha amantes, desde que ela goze a abundância também. Moralmente, Juliana está mais bem ajustada aos seus objetivos e necessidades. Luísa é quem não define muito claramente seus limites e, como diz A Campos Matos, tem a aparência de um “ser fraco e influenciável” que se angustia por não saber como suportar sua nova condição de adúltera e por não conseguir equacionar a relação com as criadas. Luísa não resistiu à sedução do Don Juan Basílio e não conseguiu conviver com o prazer do amor adúltero,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

porque teria, na nova configuração, de dividir o “saber” e o “prazer” com os fâmulos. E nisso, Luísa destoa do contexto histórico e mesmo do contexto narrativo.

No Portugal do XIX, a ascensão social exigia uma cozinha farta e um serviço adequado. Fartura e serviços que há, inicialmente, na casa de Jorge e Luísa. Mas no imaginário burguês, a mulher deveria comandar a casa e manter distância regulamentar das criadas e criados. É o que deixa claro Carlos Consiglieri, no prefácio que introduz o livro de receitas *Comeres de 1900*, de Sonia Monteiro. Ele afirma que a imagem da “senhora burguesa” que se pode encontrar nos livros de culinária e etiqueta do século XIX é a da mulher que sabe como comandar a cozinha sem se envolver com ela, uma vez que interfere e define o *menu*, mas é servida pelas criadas (MONTEIRO, 2000: p. 15-16). Numa casa burguesa, a senhora deveria prover as refeições, sem deixar de ser a rainha.

Serrão e Marques também percebem essa configuração na representação da senhora burguesa em livros de receitas do século XIX. Para eles, o aumento no número de publicações culinárias, no período de 1851 a 1900,

não se pode desligar da expansão e consolidação de um público constituído pela pequena e média burguesia que ao ver subir o nível de vida também investiu na área da representação social, o que passou pela mesa mais farta, mais elaborada e com mais convidados, bem como

pela melhoria das refeições de todos os dias (SERRÃO e MARQUES, 2004: p. 418).

Se seguisse essa lógica histórico-gastronômica, Luísa deveria comandar a cozinha, investir na fartura e qualidade das refeições cotidianas, mas não poderia se envolver com a cozinheira. Ou seja, deveria se comportar como Juliana, que, ao “dominar” a cozinha, provê pratos mais fartos e saborosos. E guarda distância regulamentar de Joana, a cozinheira.

No próprio romance, há cenas que aludem a essa competência específica. No jantar que Luísa oferece à amiga Leopoldina, antes de se sentarem à mesa, elas conversam sobre vários assuntos e Leopoldina informa sobre suas criadas: “Ai! Estão insuportáveis! — Contou as exigências da Justina, os seus desmazelos. — E muito agradecida ainda que ela se me não vá! Quando a gente depende delas...” (I, p. 562). O agradecimento que as criadas merecem é por fazerem seu trabalho e servir, inclusive, de alcoviteiras quando a senhora mantém ou deseja manter amores extraconjugais. Luísa assistiu à aula, mas não aprendeu a lição da especialista. Por isso o amigo de Basílio, Visconde Reinaldo, desdenha de Luísa e desqualifica-a, quando Basílio conta-lhe que o adultério foi descoberto pela criada:

Pois tu achas isso decente, uma mulher que toma a cozinheira por confidente, que lhe está na mão, que perde a carta nos papéis sujos, que chora, que pede duzentos mil réis, que se quer safar — isso é lá amante, isso é lá nada! Uma



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher que, como tu mesmo disseste, usa meias de tear! (I: p. 633)

Basílio e Reinaldo não distinguem criada de dentro de cozinheira, quando se trata de falar de Luísa. Talvez porque ela não tenha definido muito bem os limites e as funções sociais e invadiu espaços que lhe estavam interditos e permitiu que espaços e funções próprios da senhora fossem ocupados.

Nesse sentido, são significativas outras duas cenas. Uma em que Jorge, surpreendendo Juliana a ler jornal no quarto e Luísa a engomar roupas, pergunta: “Dize-me cá quem é aqui a criada, quem é aqui a senhora?” (I, p. 704). E a cena em que Juliana e Luísa discutem asperamente e aquela insulta a patroa: “Você manda-me calar, sua p...! — E Juliana disse a palavra.” (I, p.712). A reação em defesa de Luísa parte de Joana que “correu, atirou-lhe pelo queixo [de Juliana] uma bofetada que a fez cair, com um gemido, sobre os joelhos”. A fidelidade à patroa não garante, no entanto, reciprocidade e, por isso, Joana é obrigada a deixar a casa. Não sem antes Luísa desesperar-se, ajoelhar-se e “E perdendo inteiramente todo o respeito próprio” implorar: “Pelas cinco chagas de Cristo, vá, Joana, minha rica Joana, vá! [...] A rapariga, assombrada, rompeu num choro estridente”. Joana fica confusa, ameaça falar com Jorge, mas acaba atendendo ao pedido desesperado da patroa e sai da casa, não sem antes receber duas libras (I: p. 712). A atitude

de Joana não é somente fruto da fidelidade incondicional à patroa e a condição feminina. Ao longo do processo de chantagem, Luísa não se enquadra nos modelos que enformam a ação da mulher burguesa e toma para si as obrigações de Juliana. Joana observa tudo espantada, mas aceita as justificativas dadas por Luísa de a doença e/ou a idade de Juliana a impedem de realizar as tarefas. Além disso, Luísa, com receio de que Joana venha a desconfiar dos arranjos com Juliana, começa a presentear a cozinheira também. Joana não só goza dos benefícios como espalha pela cidade que a “senhora é um anjo”. Por isso Jorge recebe as ofertas de criados para servi-lo. A casa de Jorge e Luísa destoa do padrão das outras casas lisboetas. O tratamento dado a Joana e Juliana é inadequado. A política, quando uma criada está doente, não prevê que os patrões deem presentes e realizem o serviço, mas façam o que Jorge propõe: “pois se está doente que vá pra o hospital!” (I: p. 704)

A incompetência para seguir os modelos e delimitar claramente espaços e funções sociais permitem-me sugerir que a bengalada do homem de bem, *n’O Primo Basílio*, não se dirige somente à adúltera que se deixa seduzir pelo primo Dom Juan. Eça pune a má amante e a má esposa, que não foi fiel e, quando traiu, não soube manter o



comportamento adequado para preservar o casamento burguês.

## RESULTADOS

Os contextos histórico, narrativo e gastronômico levam a uma ampliação da leitura de Carlos Reis, de A. Campos Matos e o pai de Eça de Queirós. Se há criadas, como Joana, que experimentam a brandura de costumes, a contextualização histórica também prevê Julianas, que se rebelam contra as condições de trabalho. E Luísa se entrega ao primo, causa sua destruição e “compromete a estabilidade da família burguesa”. Mas não somente por trair. A relação de Luísa, Juliana e Joana deixa claro que Eça, pode ter desejado, também, morigerar os costumes de uma parte da pequena burguesia a quem faltava habilidade e comedimento para lidar com a criadagem que maltratava. Se Luísa tivesse conseguido, como Leopoldina, acomodar-se às exigências de Juliana e vice-versa o romance seria outro, é claro, mas todos saboreariam a abundância e os temperamentos se adoçariam. No Portugal de *O Primo Basílio*, em vez de adoçar-se, as personagens amargam-se. E esse amargor levou o escritor a punir e matar também a boa “complexa e socialmente marcante” cozinheira — quiçá a “boa senhora”, uma vez que Juliana, no seu curto reinado, comanda a cozinha e provê refeições fartas e saborosas,

sem se envolver com a cozinheira — da história: Juliana Couceiro Tavira.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Dario Moreira de Castro. *Era Tormes e Amanhecia: dicionário gastronômico cultural de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992.

BERRINI, Beatriz (Org.). *Comer e beber com Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Index, 1995.

SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (coord). *Portugal e a Regeneração (1851 a 1900)*. Volume X da coleção Nova História de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 2004. p. 411-425

JESUS, Maria Saraiva de. Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX. *Revista Veredas* 1. Porto: Associação Internacional de Lusitanistas, 1998. P.149-163.

MATOS, Alfredo de Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1988.

MATOS, Alfredo de Campos. *Sexo e sexualidade em Eça de Queirós*. Portugal: Edições do Autor, 2012.

MONTEIRO, Sonia. *Comeres de 1900*. Sintra: Colares Editora, 2000.

QUEIRÓS, Eça de. *Obra Completa: quatro volumes*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

QUEIRÓS, Eça. *Correspondência*. (leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, 1º vol., p. 133-137.

QUEIROZ, Maria José de. *A Literatura e o gozo impuro da Comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REIS, Carlos. *Estudos Queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua geração*. Lisboa: Presença, 1999.

REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. *Letras (Literaturas e relações assimétricas de poder)*, Santa Maria, v. 20, n.41, p. 183-195, jul./dez.2010

